

LINGUAGEM MERCADOLÓGICA EM AMBIENTE *MOBILE*: UMA LEITURA DIALÓGICA DAS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS DO *SITE* DO APLICATIVO ELSA SPEAK

DAVI RODRIGUES*

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL), Campo Grande, MS, Brasil.


Recebido em: 13 set. 2023. Aprovado em: 21 maio 2024.

Como citar este artigo: RODRIGUES, D. Linguagem mercadológica em ambiente *mobile*: uma leitura dialógica das estratégias argumentativas do *site* do Elsa Speak. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 24, n. 2, p. 312-329, maio/ago. 2024. DOI: 10.5935/cadernosletras.v24n2p312-329

Resumo

Considerando que o inglês é o idioma mais estudado em ambiente *mobile* (Sonnad, 2016), o objetivo deste trabalho é conduzir uma leitura dialógica do conteúdo do *site* de um aplicativo, o ELSA Speak, na tentativa de verificar em seu discurso a presença ou não de uma linguagem mercadológica. Para tanto, consideraram-se alguns conceitos do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2010; Barros, 1994; Volóchinov, 2018) para conduzir a análise. Ao final, foi possível perceber estratégias argumentativas de persuasão no texto características de uma linguagem mercadológica, que se deram, principalmente, pela idealização da

* E-mail: davi3rodrigues@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-4977-9735>

busca de uma fala/pronúncia que se aproxime à de um nativo da língua estudada. Além disso, constatou-se um certo incentivo à individualidade no processo de aprendizagem, sendo o usuário responsável pelo seu progresso educativo.

Palavras-chave

Aprendizagem de línguas assistida por dispositivos móveis. *Software* educacional. Aprendizagem móvel.

INICIANDO O DIÁLOGO¹

No campo da linguística aplicada, há uma subárea denominada *mobile-assisted language learning*² (MALL). Como seu próprio nome indica, o campo MALL busca investigar os diferentes usos de tecnologias *mobile*, suas implicações e efeitos no contexto de ensino de línguas, sendo mais comuns as investigações que pautam a aprendizagem de “vocabulário, escuta, gramática, fonética, compreensão leitora etc.” (Miangah; Nezarat, 2012, p. 313).

Nos últimos anos, essa área de pesquisa tem se tornado cada vez mais crescente e relevante devido à reconfiguração do espaço de aprendizagem de línguas que os ambientes *mobile* proporcionaram. Diferentemente do modelo tradicional, qualquer pessoa interessada em aprender uma nova língua não precisa, necessariamente, frequentar uma sala de aula: basta fazer o *download* de um aplicativo (app) que esse processo pode ser iniciado. Para além dessa questão da aprendizagem em qualquer lugar – a portabilidade –, Klopfer, Squire e Jenkins (2002) apontam mais quatro propriedades significativas dos dispositivos móveis, que são levadas em consideração quando da condução de investigações sobre *mobile learning*, sendo elas: interatividade social, sensibilidade ao contexto, conectividade e individualidade.

Além disso, especificamente no âmbito do ensino da língua inglesa, essas investigações se mostram ainda mais importantes. Isso se dá justamente porque “aprender inglês é considerado um fator principal para sucesso profissional e

1 Agradeço ao professor doutor Geraldo Vicente Martins e à professora doutora Sueli Maria Ramos da Silva o valioso tempo de aprendizagem durante a disciplina obrigatória do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS), contexto do qual este artigo é fruto.

2 Em português: Aprendizagem de Línguas Assistida por Dispositivos Móveis (Aladim).

um critério para ser [considerado] educado em várias comunidades” (Mian-gah; Nezarat, 2012, p. 313). Nesse sentido, não seria um equívoco afirmar que o inglês é a língua mais estudada por meio de apps (Sonnad, 2016). Ou seja, o *status* franco³ da língua inglesa faria com que a ela fosse atribuída o valor de “capital cultural” (Monte Mór, 2015, p. 24) e, conseqüentemente, atrairia a atenção de desenvolvedores de apps e de suas pretensões mercadológicas. Assim, especular que os interesses econômicos estariam à frente do ensino propriamente da língua-alvo é uma atitude crítica e necessária para considerar e recomendar, ou não, seu uso em sala de aula/individualmente

No entanto, mesmo que essa questão da mercantilização do ensino da língua inglesa por meio de apps – e tecnologias digitais no geral – seja evidente, não é comum encontrar pesquisas que abordem tal problemática no campo de estudo MALL. Essa limitação se daria, provavelmente, pelas limitações teórico-metodológicas da área, que enfocam as investigações nos “potenciais tecnológicos” e nas “práticas humanas no uso da tecnologia”, em detrimento de pesquisas que verifiquem as “implicações de valor da tecnologia”, ou seja, as “conexões entre tecnologia, cultura e ideologias” (Martins; Moreira, 2012, p. 249).

Assim, para que seja possível refletir sobre tais conexões, é importante considerar outros dados disponíveis sobre os apps de ensino de língua inglesa, como *sites* e redes sociais oficiais, bem como mobilizar outros campos de estudo da área de linguagens, os do Círculo de Bakhtin, por exemplo.

O objetivo geral deste trabalho é, então, conduzir uma leitura dialógica do conteúdo do *site* de um app, o ELSA Speak, na tentativa de verificar em seu discurso a presença ou não de uma linguagem mercadológica. De forma mais específica, busca-se: 1. apontar e analisar as estratégias argumentativas de persuasão a partir da presença, principalmente, de discursos alheios no *site* do app e 2. discutir as possíveis implicações de tais evidências. Para tanto, levei em consideração os conceitos de dialogismo, discurso alheio (Volóchinov, 2018), polêmica velada (Bakhtin, 2010) e intertextualidade (Barros, 1994) para conduzir a análise.

Ademais, esta pesquisa parte de alguns questionamentos e, portanto, procura também responder a eles:

3 De acordo com Jenkins (2006, p. 160 *apud* Duboc, 2019, p. 11-12), língua franca é aquela “de contato entre falantes cujas primeiras línguas diferiam”. Isto é, uma língua internacional, escolhida como tal para mediar a interação entre sujeitos de diferentes nações.

- Quais são os argumentos trazidos pelos desenvolvedores presentes no *site* para convencer as pessoas a usar seu app?
- Quais efeitos de sentidos sobre a língua inglesa emergem desses argumentos?
- De que forma esses sentidos colaboram para a manutenção de ideias do senso comum sobre a língua e seu aprendizado?
- O que esses sentidos evidenciam sobre o app e a maneira como ele pretende melhorar a pronúncia das pessoas?

Neste artigo, em um primeiro momento, discuto brevemente os conceitos teóricos mobilizados; em seguida, apresento algumas informações sobre o app ELSA Speak para, então, analisar recortes do *site* <https://elsaspeak.com/en/> a partir do referencial apresentado e concluir com algumas considerações finais.

TROCANDO IDEIAS COM A TEORIA

Uma vez que diversos conceitos serão mobilizados neste artigo para a condução da análise, é importante uma breve exposição sobre cada um deles. Antes, porém, é necessário considerar uma premissa que será contemplada ao longo de todo este trabalho. Trata-se da ideia de que “o dialogismo é a condição do sentido do discurso” (Barros, 1994, p. 2).

De acordo com Volóchinov (2018, p. 219), diálogo não deveria ser compreendido somente pelo seu sentido dicionarizado, isto é, aquele que se refere a uma comunicação “face a face”, mas sim poderia ser entendido de maneira mais ampla

[...] como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo. Um livro, ou seja, um discurso verbal impresso também é um elemento da comunicação discursiva. Esse discurso é debatido em um diálogo direto e vivo, e, além disso, é orientado para uma percepção ativa: uma análise minuciosa e uma réplica interior, bem como uma reação organizada, também impressa, sob formas diversas elaboradas em dada esfera da comunicação discursiva (resenhas, trabalhos críticos, textos que exercem influência determinante sobre trabalhos posteriores etc.). Além disso, esse discurso verbal é inevitavelmente orientado para discursos anteriores tanto do próprio autor quanto de outros, realizados na mesma esfera, e esse discurso verbal parte de determinada situação de um problema científico ou de um estilo literário. Desse modo, o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala:

responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante.

Assim, dialogismo⁴ se refere ao imbricamento de vozes em um discurso, a ideia de que todo texto/enunciado sempre precede de outro e se dirige para o outro. Trata-se do princípio bakhtiniano que afirma que “nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz” (Barros, 1994, p. 3).

Associado a essa perspectiva, há também o conceito de discurso alheio. Se, para Volóchinov, um discurso é sempre marcado e sua construção é condicionada pela presença de outros, esses outros discursos se estabeleceriam no texto/discurso/enunciado de alguma maneira, podendo esta ser implícita ou explícita. Para o autor, um desses modos seria por meio do discurso alheio, que, nas suas palavras,

[...] pode, por assim dizer, entrar em pessoa no discurso e na construção sintática como seu elemento construtivo específico. Nesse caso, o discurso alheio mantém a sua independência construtiva e semântica, sem destruir o tecido discursivo do contexto que o assimilou (Volóchinov, 2018, p. 249).

No caso da análise proposta neste artigo, poderia dizer, para exemplificar melhor o conceito, que os desenvolvedores do texto presente no *site* buscariam, de alguma forma, recorrer a discursos outros – e incorporá-los – que abordam diferentes crenças sobre a aprendizagem de língua inglesa, com o intuito de convencer seus leitores, potenciais usuários, a adquirir o produto – o próprio app.

Nesse sentido, se, por um acaso, os discursos trazidos no texto entram em conflito ou até mesmo refutam outros discursos, teríamos o que Bakhtin (2010) nomeia de polêmica velada. Para ele, essa característica velada se daria porque a presença do discurso ao qual se opõe não é demarcada de maneira declarada. O estudioso russo afirma:

[...] polêmica velada está orientada para um objeto habitual, nomeando-o, representando-o, enunciando-o, e só indiretamente ataca o discurso do outro, entrando em conflito com ele como que no próprio objeto. Graças a isto, o discurso do outro começa a influenciar de dentro para fora o discurso do autor. É por isso que o discurso polêmico oculto é bivocal, embora, neste caso, seja

4 Também referido como “relações dialógicas” por Bakhtin (2010).

especial a relação recíproca entre as duas vozes. A ideia do outro não entra “pessoalmente” no discurso, apenas se reflete neste, determinando-lhe o tom e a significação. O discurso sente tensamente ao seu lado o discurso do outro falando do mesmo objeto e a sensação da presença deste discurso lhe determina a estrutura (Bakhtin, 2010, p. 243).

Para finalizar, um último termo de importante conceituação é a intertextualidade. Levando em consideração o que foi dito anteriormente sobre os textos serem sempre constituídos de outras vozes, e considerando também a intertextualidade como um tipo de “relação entre textos” (Walty, 2009), é possível afirmar que tal conceito remete a um tipo de relação dialógica. Como afirma Barros (1994, p. 4), “a intertextualidade [...] é, antes de tudo, ‘interna’ das vozes que falam e polemizam no texto, nele reproduzindo o diálogo com outros textos”.

Feitas, portanto, essas considerações sobre os conceitos adotados neste artigo, início na próxima seção a análise.

UM PAPO RÁPIDO SOBRE O ELSA SPEAK

Antes de iniciar a análise, é necessário discorrer um pouco sobre o app cujo *site* será analisado. O ELSA (*English Language Speech Assistant*⁵) Speak foi lançado em 2015 e, de acordo com seu *site*, tem como objetivo “capacitar pessoas ao redor do mundo a falar inglês com confiança” (ELSA, 2023). Trata-se, então, de um *software* movido por uma inteligência artificial (IA) e um sistema de reconhecimento automático de voz capaz de processar os dados da fala de seus usuários e fornecer *feedback* sobre entonação, ritmo e tom. Além disso, o app também aponta os “erros” de pronúncia de seus usuários, bem como fornece recursos pedagógicos em formato de exercícios para “consertá-los” (Figura 1). Está disponível de forma gratuita no Google Play, no entanto, para ter acesso a todos os recursos, é necessário fazer um pagamento.

A ideia de criar o app partiu de Vu Van, atual CEO e cofundadora, que, quando da época de seu intercâmbio nos Estados Unidos, percebeu uma dificuldade em comunicar-se oralmente com os falantes nativos, mesmo tendo

5 Assistente de Fala da Língua Inglesa.

estudado por anos a língua inglesa em sua terra natal, no Vietnã. Para ela, seu “forte” sotaque vietnamita tornava sua fala, por vezes, ininteligível. Dessa maneira, a partir de uma necessidade particular, e observando tal dificuldade também na fala de outros colegas intercambistas, é que Vu decide formar uma empresa, a ELSA Speak.

Até o momento, o app tem ganhado destaque mundial conquistando diversos prêmios na área de tecnologia educacional, como *Top 4 best AI companies*, de acordo com a revista *Forbes* de 2017 e o prêmio EdTech Awards de 2021; possui cerca de 34 milhões de usuários em 195 países diferentes, sendo, também, objeto de investigação em pesquisas de mestrado (Baldissera, 2020; Rodrigues, 2023) e doutorado (Reschke Pires, 2022).

Melhore

a sua pronúncia em Inglês
Americano.

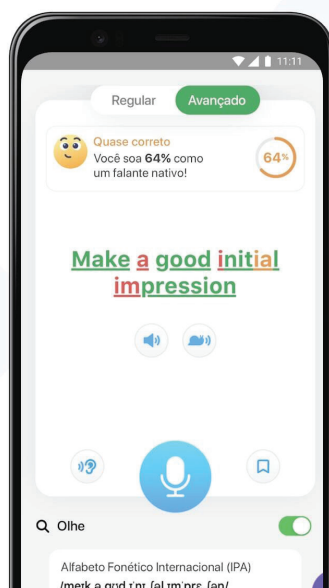


Figura 1 – Feedback do app ELSA

Fonte: Google Play.

COMENTANDO SOBRE O CONTEÚDO DO SITE

Nesta seção, conduzirei a análise dialógica do *site* ELSA Speak. Para que isso fosse possível, selecionei alguns *prints* de tela que recortam os enunciados que acredito serem mais relevantes para a discussão das estratégias argumentativas de persuasão. Por vezes, pensando nas limitações de espaço deste artigo, em vez de *prints*, utilizo também o modelo de citação direta. Esses excertos selecionados fazem parte da tela inicial do *site* do app, disponibilizado em seis idiomas diferentes – inglês, espanhol, japonês, português, indonésio e vietnamita. Outras abas do endereço eletrônico não foram consideradas, e a língua selecionada para análise foi a inglesa.

A primeira parte da tela inicial está representada na Figura 2. Para tecer considerações sobre o que está sendo afirmado na imagem, é importante observar que, como exposto na seção sobre o referencial teórico mobilizado neste trabalho, “quando o enunciador toma a palavra, ela já vem carregada de sentidos definidos anteriormente e, ao mesmo tempo, é direcionada a um determinado público” (Silva; Silva, 2023, p. 119). Ou seja, é a partir da identificação desses significados preexistentes, que são levados em consideração pelo enunciador, que podemos observar como se dá o dialogismo no texto do *site*. Discutirei isso a seguir.



Figura 2 – Página inicial do *site*

Fonte: Site ELSA Speak.

O primeiro diálogo possível de ser observado no *site* é a presença de uma imagem que simula a tela do app (Figura 2). Nela percebem-se as diferentes cores na frase “*Improving English creates new opportunities*” (“Melhorar o inglês cria novas oportunidades”), que indicariam como o *feedback* é fornecido no app. Trata-se, então, da presença de um outro texto (a própria interface do app) no *site*, ou seja, a utilização da intertextualidade como recurso de demonstração do produto.

Além disso, acredito também que outros diálogos são estabelecidos pela escolha da frase destacada anteriormente. A primeira questão está relacionada ao fato de a sentença pressupor que o leitor possivelmente dispõe de um nível de proficiência em inglês e que deseja melhorá-lo. Isto é, presume-se, tal como a cofundadora, que o usuário em potencial estaria considerando o app para se comunicar melhor na língua inglesa, e este, portanto, seria o ideal de público do *site*. A segunda questão refere-se ao discurso alheio presente na ideia “melhorar o inglês”. Tal aperfeiçoamento da língua não estaria associado ao desenvolvimento do vocabulário ou a um conhecimento mais aprofundado do seu sistema sintático, por exemplo, mas voltado a uma fala sem demarcações de sotaque, igual à de um falante nativo: “*You sound 74% like a native speaker*” (“Você soa 74% como um falante nativo”).

Esse discurso alheio, que afirma que, para ter uma fala considerada “melhor”, você deve buscar falar a língua-alvo como um nativo, é de comum circulação entre as crenças de aprendizes de língua inglesa. Segundo Zolins-Vesz (2021, p. 47), no imaginário social,

[...] os falantes nativos de determinada comunidade constituem os “verdadeiros donos” da língua, uma vez que compõem aquela comunidade e possuem “naturalmente” a identidade que é “intrínseca” a esse território, o que lhes proporciona gozar autoridade sobre essa “língua nativa” de modo intuitivo.

Desse modo, estudantes de uma língua estrangeira buscariam assemelhar-se o máximo possível aos falantes nativos, pois, a partir disso, também gozariam dessa suposta autoridade. Para além dessa definição, acredito, baseado na minha experiência enquanto professor de inglês, haver uma idealização no modo “nativo” de falar. Tal idealização resultaria na atribuição de determinados valores como “correto”, “bonito”, “normal”, “inteligível”. Consequentemente, falantes com o sotaque de sua língua materna mais evidente estariam se comunicando de forma “errada”, “feia”, “estranha” e “ininteligível”.

O que percebi, portanto, é que o *site* do app se vale de “sistemas de valores, do enunciador e do enunciatário, que, como afirma Bakhtin, participam da construção dialógica do conceito” (Barros, 1994, p. 3), para persuadir o usuário em potencial a adquirir o app. Logo, um dos sistemas de valores seria, precisamente, a perpetuação da ideia presente no senso comum de que aprendizes de uma língua precisam buscar um nível de fala o mais idêntico possível ao de um nativo. Seria por meio do uso do app que aprendizes da língua inglesa poderiam acessar, por exemplo, a suposta autoridade mencionada anteriormente.

Mais adiante no texto do *site*, é possível encontrar cinco afirmações⁶ que resumem os serviços oferecidos pelo app:

Encontre o seu nível de proficiência: faça um teste de avaliação curto e cuidadosamente elaborado e receba um relatório detalhado de *seus pontos fortes e fracos*.

A melhor maneira de melhorar suas habilidades: praticar a fala do *seu inglês* com o ELSA é divertido e viciante. Nossas pequenas atividades são efetivas e temos prova de que funcionam.

Acompanhe seu progresso: sinta-se orgulhoso das *conquistas que você fez* ao longo da jornada para se tornar um falante de inglês proficiente.

Explore o conteúdo divertido: jogue praticando todos os 44 sons da língua inglesa e aprenda a partir de uma ampla gama de tópicos relevantes sobre negócios, viagens, escola e muito mais.

Receba feedback instantâneo: receba *feedback imediato e detalhado sobre sua pronúncia* usando nossa tecnologia proprietária de inteligência artificial (ELSA, 2023, grifos nossos).

Cada uma dessas afirmações vem acompanhada de uma imagem da interface do app, como exemplificado na Figura 3. Assim, faz-se presente novamente a mobilização da intertextualidade que tem o intuito de comprovar o que se

6 “*Find Your Proficiency Level: take a thoughtfully designed, short assessment test and receive a detailed report of your strengths and weaknesses.*

The Best Way to Improve Your Skills: practicing your English speech with ELSA is fun and addictive. Our bite-sized lessons are effective, and we have proof that it works.

Track Your Progress: be proud of the accomplishments you’ve made along your journey to becoming a proficient English speaker.

Explore Fun Content: Play games practicing all 44 English Language sounds, and learn from a wide range of relevant topics about business, travel, school, and more.

Get instant feedback: Receive immediate, detailed feedback on your pronunciation using our proprietary artificial intelligence technology”.

afirma no texto escrito por meio do texto imagético. Trata-se, então, de um diálogo entre o *site* e a tela do app.

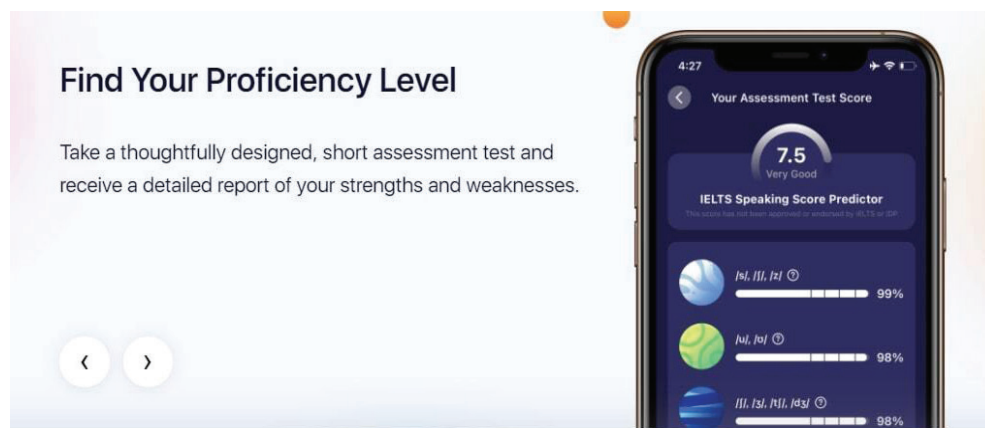


Figura 3 – Afirmações sobre o aplicativo

Fonte: Site ELSA Speak.

No entanto, gostaria de enfatizar melhor um outro ponto dialógico desse excerto. O que pude perceber foi a construção de uma ideia que defende a individualização do processo de aprendizagem da língua inglesa. Isso fica evidente a partir do uso dos verbos no modo imperativo (*find, track, explore, get*), que pressupõe que o leitor conduza uma ação após a leitura, e da utilização expressiva do pronome possessivo *your*, como destacado anteriormente. Um dos sentidos que emergem dessa construção é o de que o potencial de desenvolvimento da língua pertence ao possível usuário, e, caso esse desenvolvimento aconteça, toda credibilidade será dada a ele/ela também. É como se o app instrumentalizasse o processo de aprendizagem, para que, então, o usuário pudesse conduzi-lo individualmente. Há uma ideia de incentivo e empoderamento.

A meu ver, esse possível sentido presente no texto pode ser entendido como um discurso alheio, pois dialoga com a lógica neoliberal aplicada à educação. O que essa linha de pensamento defende é a “construção e [as] prioridades do indivíduo – e não da coletividade [...]” (Malerba, 2017); isto é, argumenta-se em favor do “faça você mesmo”, que acompanha a “expansão dos trabalhos autônomos e dos empreendedorismos” (Antunes, 2020, p. 15), que, no caso do app, volta-se mais para um empreendedorismo de si mesmo

(Szundy, 2019), do próprio conhecimento do usuário. Desse modo, ao atribuírem a responsabilidade de aprendizagem ao estudante, mesmo que, para isso, ele/ela dependa dos recursos do app, os desenvolvedores estariam adotando uma outra estratégia argumentativa de persuasão.

Dando continuidade à sequência do texto no *site*, os desenvolvedores optam por discorrer um pouco sobre como a tecnologia do app funciona (Figura 4).⁷ A partir desse pequeno trecho, pode observar outros diálogos sendo construídos. O primeiro deles refere-se à presença de um discurso alheio que afirma que desenvolver a pronúncia não seria um processo “divertido” ou “cativante”, ou que, ao menos, o ensino convencional em sala de aula – em contraposição à aprendizagem pelo app – não “melhoraria”, ou “melhoraria” pouco, a pronúncia dos estudantes. Isso ocorre porque o modelo tradicional e presencial de ensino não possuiria os mesmos recursos tecnológicos que um app poderia fornecer, como uma interface interativa, recursos multimodais, customização da aprendizagem, uso de tecnologia etc. Logo, se aprender inglês no ambiente tradicional pode ser considerado “monótono”, em razão da falta de recursos tecnológicos diferenciados, em um contexto *mobile* seria “divertido e cativante”.

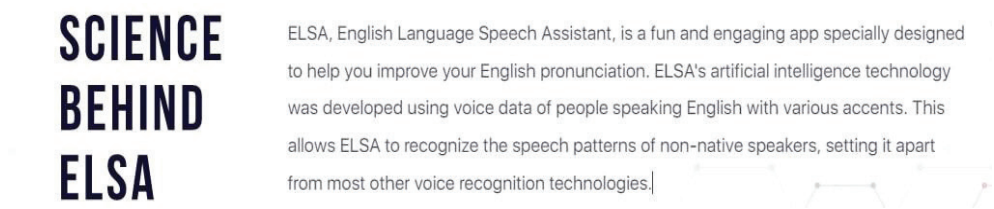


Figura 4 – A ciência por trás do ELSA

Fonte: Site ELSA Speak.

Outro discurso alheio que pude notar é o que confere cientificidade ao app. Essa noção se dá, principalmente, pelo apontamento feito em “*Science behind ELSA*”, que indica a presença de uma IA e do tratamento de dados da voz que conduz uma análise da pronúncia dos usuários no app. Acredito que,

7 “A ciência por trás do ELSA. ELSA, Assistente de Fala da Língua Inglesa, é um aplicativo divertido e cativante desenvolvido especialmente para ajudar e melhorar sua pronúncia do inglês. A tecnologia de IA do ELSA foi desenvolvida usando dados de pessoas falando em inglês com diversos sotaques. Isso permite que o ELSA reconheça os padrões de fala de falantes não nativos, destacando-se da maioria das tecnologias de reconhecimento de voz”.

ao mobilizar os termos “ciência” e “inteligência artificial”, o texto atribuiria diferentes sentidos ao app, criando, assim, um diálogo. Isto é, os diversos sentidos positivos que emergem dos termos “ciência” e “inteligência artificial”, como o de veracidade e efetividade, respectivamente, agora seriam concedidos ao app.

Exemplificando um pouco mais, se no senso comum surgem crenças vinculadas à IA afirmando a ela o poder de substituir um professor, por conta de sua praticidade, velocidade e considerável disposição de dados, ao associar-se com esse termo, o app traria para si, de forma dialógica, todos esses mesmos sentidos, com o intuito de persuadir o leitor a usar o app.

Uma última ideia advinda do fragmento da Figura 4 é a constatação de uma polêmica velada. Do excerto extraído do *site*, pode surgir um entendimento de que para melhorar a pronúncia é preciso, antes, reconhecer os padrões de fala da língua nativa de um aprendiz. A polêmica, então, estaria na ideia de que outros apps não levam isso em consideração e, por esse motivo, não possuem nenhuma inteligência de reconhecimento de voz que entenda o inglês carregado de sotaques de outras línguas. Os desenvolvedores do ELSA apostaram nessa ideia e por isso desenvolveram essa tecnologia: “Isso permite que o ELSA reconheça os padrões de fala de falantes não nativos, *destacando-o da maioria de tecnologias de reconhecimento de voz*”⁸ (ELSA, 2023, grifos nossos). Finalmente, um último aspecto que acredito ser importante destacar é o que está representado na Figura 5.⁹ Na imagem podemos observar quatro avaliações positivas sobre o app. Esses comentários, não sendo de autoria de quem desenvolveu o conteúdo do *site*, constituem-se como a presença explícita de outras vozes no texto, um outro diálogo, portanto. Trata-se da aplicação do discurso

8 *This allows ELSA to recognize the speech patterns of non-natives speakers, setting it apart from most other voice recognition technologies.*

9 “O melhor aplicativo que já usei. Realmente melhorei meu inglês com ele. Não somente minha pronúncia, fluência, entonação, acentuação tônica e escuta. Mas também vocabulário e gramática de uma maneira ativa de aprendizagem que me faz sentir melhor e mais confiante quando falo”.

“Nunca achei que poderia me livrar do meu sotaque chinês forte... Aí descobri esse aplicativo. Ele me ajudou a identificar os problemas da minha pronúncia de que eu não estava ciente... Já houve uma vasta melhoria na minha fala”.

“Amo esse aplicativo!! Ele me ajuda a falar inglês fluentemente e a consertar meu sotaque carregado. Consigo claramente perceber minha melhoria depois de três meses usando... quando tento falar com o Google Tradutor, [minha fala] está correta quase 85% das vezes, o que é muito mais do que antes”.

“Esse é um ótimo aplicativo. Sou do tipo de pessoa que NUNCA escreve avaliações. Ele realmente é muito bom... Incrível e de fácil interface para uso no dia a dia e ótimos descontos; comprei a versão completa por um ano. Deus abençoe os desenvolvedores ❤️”.

direto, quando as palavras de outro sujeito são usadas de maneira nítida em um enunciado para mobilizar ideias. O conteúdo dessas outras vozes, inclusive, vai ao encontro das ideias desenvolvidas nos excertos selecionados neste trabalho, de que é preciso melhorar a pronúncia e buscar se parecer o máximo possível com um falante nativo. Assim, é a partir das opiniões de pessoas que já fizeram uso do app que o texto busca, novamente, persuadir seu leitor.



Figura 5 – Comentários de usuários sobre o app ELSA

Fonte: Site ELSA Speak.

FINALIZANDO A CONVERSA

Ao longo da análise, foi possível perceber as estratégias argumentativas de persuasão do *site* ELSA Speak. Pude observar que elas se deram, principalmente, pela idealização da busca de uma fala/pronúncia que se aproxime à de um nativo da língua estudada. Além disso, constatou-se um certo incentivo à individualidade no processo de aprendizagem, em que o usuário seria responsável pelo seu progresso educativo, e o app, um adjuvante para que isso se tornasse possível.

Acredito ser produtivo afirmar, também, que a linguagem mercadológica que busca vender o produto, nesse caso o app, presente no *site*, se estenderia também para uma visão mercadológica do ensino e aprendizagem de língua inglesa. Nessa perspectiva, caberia “ao indivíduo [usuário do app] e somente a ele internalizar as competências e habilidades que lhe garantirão sucesso no mundo do trabalho e, portanto, acesso aos bens materiais e simbólicos do capitalismo” (Szundy, 2019, p. 125). Foi possível observar isso nos

exercertos trazidos, principalmente no que afirma “*Improving English creates new opportunities*”.

Outra questão de importante reflexão que emerge do texto do *site* refere-se à perspectiva do ensino de língua inglesa adotada aliada ao uso da tecnologia. Ao passo que no app temos um dos mais recentes aparatos tecnológicos desenvolvidos pela humanidade, a IA, o modelo de ensino de língua adotado – o que visa aproximar-se de um nativo – é um que já foi criticado há um tempo no meio acadêmico, principalmente por meio das teorias sobre translinguagem (Canagarajah, 2013), por exemplo. Seria o que Cope *et al.* (2011) declaram como “novos espaços, antigos lugares”,¹⁰ no título do artigo, ou seja, trata-se de uma crítica que afirma que as “novas tecnologias [...] estão sendo usadas, em sua maioria, para reforçar práticas antigas”¹¹ (Cope *et al.*, 2011, p. 99, tradução nossa).

Em conclusão, apesar de a análise dos trechos selecionados permitir as afirmações anteriores, penso ser necessária a condução de outras pesquisas que se atentem não só para a usabilidade do app, sua trajetória pedagógica, tipo de *feedback* fornecido e seus efeitos em alunos, mas também para suas conexões com a ideologia neoliberalista, ou, como Paulo Freire (1987) afirma, com a educação bancária, e suas implicações no processo de aprendizagem de língua inglesa.

Marketing discourse in mobile environment: a dialogic reading of the argumentative strategies on the website of the Elsa Speak application

Abstract

Considering that English is the most studied language through applications (Sonnad, 2016), the aim of this paper is to conduct a dialogical reading of the ELSA Speak application website, in an attempt to verify the presence or absence of marketing language in its discourse. Hence, we considered a few concepts of the Bakhtin Circle (Bakhtin, 2010; Barros, 1994; Volóchinov, 2018) to conduct the analysis. Finally, it was possible to perceive argumentative

10 “*New spaces and old places*”.

11 “*New technologies [...] are for the most part being used to reinforce old practices*”.

strategies of persuasion in the text characteristic of marketing discourse. In addition, we verified a certain incentive to individuality in the learning process, in which the user would be responsible for his/hers educational progress.

Keywords

Mobile-assisted language learning. Educational software. Mobile learning.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da indústria 4.0. In: ANTUNES, R. (org.). *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 11-22.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 5. ed. rev. Barueri: Forense Universitária, 2010.
- BALDISSERA, L. G. *App resources for developing English pronunciation: a focus on mobile technology*. 2020. 105 p. Dissertação (Mestrado em Inglês) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215901>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- BARROS, D. P. de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. P. de; FIORIN, J. L. (org.). *Dialogia, polifonia e intertextualidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 1-10.
- CANAGARAJAH, S. *Translingual practice: global Englishes and cosmopolitan relations*. New York: Routledge, 2013.
- COPE, B. *et al.* New spaces and old places: an analysis of writing assessment software. *Computer and Composition*, v. 28, n. 2, p. 97-111, 2011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S8755461511000284>. Acesso em: 1º jul. 2023.
- DUBOC, A. P. M. Falando francamente: uma leitura bakhtiniana do conceito de “inglês como língua franca” no componente curricular língua inglesa da BNCC. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 48, p. 10-22, 2019. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1255>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- ELSA SPEAK. About us. Disponível em: <https://elsaspeak.com/en/about-us>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

JENKINS, J. Current perspectives on teaching World Englishes and English as a lingua franca. *TESOL Quarterly*, v. 40, n. 1, p. 157-181, 2006. Disponível em: <https://online-library.wiley.com/doi/10.2307/40264515>. Acesso em: 23 out. 2024.

KLOPFER, E.; SQUIRE, K.; JENKINS, H. Environmental detectives: PDAs as a window into a virtual simulated world. *In: IEEE INTERNATIONAL WORKSHOP ON WIRELESS AND MOBILE TECHNOLOGIES IN EDUCATION, 2022*, Vaxjo, Sweden. *Proceedings* [...]. Vaxjo, Sweden: IEEE Computer Society, 2002. p. 95-98. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/3970885>. Acesso em: 29 jun. 2023.

MALERBA, J. Uma análise da Base Nacional Comum Curricular. *Café História*, 2017. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/uma-analise-da-base-nacional-comum-curricular/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

MARTINS, C. B. M. J.; MOREIRA, H. O campo CALL (*Computer Assisted Language Learning*): definições, escopo e abrangência. *Calidoscópico*, v. 10, n. 3, p. 247-255, 2012. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/calidoscopio/article/view/3254>. Acesso em: 29 jun. 2023.

MIANGAH, T. M.; NEZARAT, A. Mobile-assisted language learning. *International Journal of Distributed and Parallel Systems*, v. 3, n. 1, p. 309-319, Jan. 2012. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Mobile-Assisted-Language-Learning-Miangah-Nezarat/2902cf4ef0284cb407e986ec2cbcd96c7ddbfeb8>. Acesso em: 29 jun. 2023.

MONTE MÓR, W. M. Profissionalização do professor de línguas estrangeiras e o projeto educacional. *In: TONELLI, J. R. A.; BRUNO, F. A. T. C. (org.). Ensino-aprendizagem de inglês e espanhol no Brasil: práticas, desafios e perspectivas*. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 21-41. (Coleção NPLA, v. 43).

RESCHKE PIRES, D. *An investigation of an ASR-based mobile application and its effects on speech intelligibility*. 2022. 188 p. Tese (Doutorado em Inglês) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

RODRIGUES, D. Por trás da avaliação da pronúncia no ELSA Speak: uma análise da concepção de língua de um aplicativo movido a inteligência artificial. *In: VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL E XXIV SEMANA DE LETRAS, 2023*, Campo Grande. *Caderno de resumos* [...]. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2023. p. 39. Disponível em: <https://siel.ufms.br/files/2023/11/CADERNO-DE-RESUMOS-2023-1.pdf>. Acesso em: 16 maio 2024.

SILVA, M. E. da; SILVA, S. M. R. da. Dialogismo, discurso alheio e heterogeneidade como constituintes da polêmica sobre a pandemia de Covid-19 em meio ao discurso religioso. *Cadernos Discursivos*, Catalão, v. 1, n. 2, p. 112-133, 2023. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/595/o/6_SILVA_Marcelo_Eduardo_e_SILVA_Sueli.pdf. Acesso em: 30 jun. 2023.

SONNAD, N. The language the world is trying to learn, according to Duolingo. *Quartz*, 2016. Disponível em: <https://qz.com/677833/the-languages-the-world-is-trying-to-learn-according-to-duolingo>. Acesso em: 29 jun. 2023.

SZUNDY, P. T. C. Base Nacional Comum Curricular e a lógica neoliberal: que línguas(gens) são (des)legitimadas? In: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIM, M. A. de (org.). *A BNCC e o ensino de línguas e literaturas*. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 121-151.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório Sheila Grillo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

WALTY, I. Intertextualidade. *E-dicionário de termos literários de Carlos Ceia*, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/intertextualidade>. Acesso em: 1º jun. 2023.

ZOLIN-VESZ, F. Por um redimensionamento do ensino de línguas na terra de Paulo Freire. *Revista abehache*, n. 19, p. 45-55, 2021. Disponível em: <https://revistaabehache.com/ojs/index.php/abehache/article/view/376>. Acesso em: 16 jun. 2023.